

Organismos urbanos

A cidade, seus problemas, personagens, signos e violência geram poéticas singulares. Por Ricardo Ribenboim

Uma obra da série fotográfica *Os Meninos*, de Paula Trope (nasceu em 1962, no Rio de Janeiro), recebeu o Prêmio Price Waterhouse da edição do Panorama de 1995. Foi feita em parceria com meninos de rua, entre 1993 e 1994. "Nesse período eu saía às ruas com algumas câmeras pin-hole (feitas de latas) e convidava os meninos a posarem para uma fotografia. Em contrapartida, propunha que eles registrassem o que quisessem. As obras constituem, portanto, uma apresentação das crianças que ao mesmo tempo são objeto da minha fotografia e atuam como sujeito", diz Paula. A obra está no núcleo do Panorama que trata da questão da cidade, do anonimato, da profusão de signos, da violência, da diluição do indivíduo na massa, e inaugura outra dimensão da arte política.

Hoje, implantar uma escultura ou mesmo sair dos museus para intervir e apropriar-se dos espaços urbanos, dificilmente ultrapassa a significação de enfeite. Raros exercícios deram certo. O que poderia ser chamado de "sala/cidade" do Panorama 99 explicita a cidade como recorte temático, pano de fundo para amarrações de afinidades indizíveis, e ordena o pensamento da curadoria àqueles que

apresentam o corpo-cidade em seus produtos finais.

O conceito de sala, normalmente entendido e interpretado como espaço íntimo ou pelo menos fechado, nesta curadoria vem com a carga de um novo significado: o de espaço aberto, sem paredes, sem limites, sem lugar. Sala/cidade será um "visorama" que propõe um mapeamento (o espaço não é fechado), tece a trama da cidade, intersecciona os assuntos com outros conceitos que permeiam a mostra. No Panorama de Tadeu Chiarelli, a circunscrição temática que gira em torno da cidade vai além da sua abrangência geográfica. As possibilidades de exploração sobre seus conteúdos são infinitas, pontuam e apontam artistas que captaram — ao seu modo, dentro de sua particularidade e forma de expressão — poéticas singulares, temas que tocam e aprofundam o cotidiano da metrópole. O deslocado, o anonimato, questões político-sociais, a interpenetração entre o organismo do corpo e da urbe, a representação (códigos, regras, jogos) são pontos de partida, de concentração — com base nos quais esses artistas recriam sua visão ético-estética das coisas.

O ser anônimo das cidades se apresenta nas fotos de Paula Trope e de Vilma Sonaglio. Também nas imagens dessas artistas estão os conceitos de deslocamento e estranhamento. Trope evidencia o

Espaços e Signos

Oito artistas foram selecionados para a sala que discute a cidade, que apresenta grande variedade de técnicas e suportes.

PATRICIA FURLONG (nasceu em 1955, em Porto Alegre). Nos últimos anos, tem usado como matéria-prima conteúdos da mídia e

suportes industriais. No Panorama suas obras são recriações de placas de sinalização espalhadas pela cidade. "Desloco as mensagens de seus espaços habituais e dou sentido poético. É uma reordenação dos conteúdos e suportes e uma proposta de relação mais lúdica das pessoas com o espaço urbano", diz Patrícia.

CHRISTINE LIU (nasceu em 1960, em São Paulo). Expõe uma videoinstalação intitulada *Corpus Corporis*, de 1998, com 16 monitores. Cada um exibe um pedaço da imagem, e o conjunto de 16 aparelhos forma uma imagem panorâmica. O vídeo contém cenas da avenida Paulista, transforma-

Cuidado a Vida É Frágil, de Patrícia



Imagem de vídeo, de Christine das pela artista, que deixou os elementos desfocados, manchados ou distorcidos. A primeira impressão é a de uma grande tela abstrata, com figuras em fluxo constante. "Vejo a avenida Paulista como a grande artéria do corpo humano levando o sangue para os outros órgãos", diz Christine. DOMITILIA COELHO (nasceu em 1971, em São Paulo). Apresenta fotografias que são parte de uma pesquisa sobre luz e espaço, iniciada em 1997. "As fotos, sempre tiradas à noite, não são documen-

tais. Eu uso as luzes da cidade para construir outra imagem", diz Domitília.

ORIANA DUARTE (nasceu em 1966, na Paraíba, e atualmente mora no Recife). Apresenta a instalação *Gabinete de Souvenirs de A Coisa em Si*, um desdobramento do que Oriana desenvolve desde 1997, quando partiu de Recife para o Rio de Janeiro, seguindo depois para Belém do Pará e Fortaleza. A viagem viabilizou parte do projeto de performance itinerante *A Coisa em Si*, em que a artista toma uma sopa com as pe-





caos, a violência urbana, o sem-teto, em que a massa sobrepõe-se ao individual. Já Vilma Sonaglio dialoga com a transfiguração e desconstrução de personagens e cenários para aí estabelecer conexões.

A abordagem da solidão e do estranhamento também marca a obra de computação de Ana Tavares. Também por meio de seus espelhos, ela possibilita que cada um reflita sobre si mesmo — e não apenas sobre o outro — como ocorre na multidão, no fluxo urbano.

A representação dos signos parece ser a convergência de diversos artistas presentes nessa mostra. O primeiro deles, Rubens Azevedo, reúne imagens desfocadas da cidade — revelando-a com velatura na cor e na não-cor. No mesmo percurso enigmático, Domitília Coelho apresenta uma imagem quase gráfica, quase "postálica", ao mesmo tempo criando e revelando novos palimpsestos urbanos.

Outras linguagens unem signos e significantes na obra de Ricardo Basbaum. Artista essencialmente conceitual, recria o espaço físico com seus adesivos e apropria-se da metrópole por meio de poemas visuais (palavras e desenhos). A transgressão da ordem e do sentido das coisas também está nas sinalizações de Patrícia Furlong. Numa tentativa de reordenar conteúdos e suportes, de apresentar



resultados poéticos e uma proposta de relação mais lúdica entre as pessoas e o espaço urbano, a artista acaba por rearticular alguns procedimentos dos anos 60. Oriana Duarte também se apodera dos cenários vistos e os coloca em metáfora contínua. Ao criar, deixa resíduos de suas performances e elabora novos residuais para um outro registro de suas intervenções.

A videoartista Christine Liu talvez seja a representante mais evidente da arte que toma a

Obra de Paula Trope

pulsção da cidade como corpo quase humano. Seu discurso artístico desvela a avenida como uma grande artéria do corpo humano, que leva o sangue para outros órgãos e, uma vez afetada, obstrui o organismo de toda a metrópole.

Onde está o vértice dessa sala/cidade? Qual o aspecto que coloca todos esses artistas e obras num mesmo conceito? Certo é que a sala apresenta obras retrospectivas e propositivas, evidenciando as fronteiras entre aquilo que gera o estranhamento e o que se considera arte — e as "coisas" que ao longo do tempo foram se "artificando". Numa grande amarração nota-se um certo teor de denúncia: que não se pode dissociar a estética da ética, diluir a arte na política.

dras recolhidas dos últimos dois lugares em que esteve. Na instalação no MAM expõe "mapas internos" obtidos com base nas endoscopias feitas depois de ingerir a sopa, exibe um vídeo que registra as performances feitas. Espalhados pela parede da sala estão também "mapas musicais": fragmentos de pentagramas com as partituras de hinos de locais por onde passou bordados em feltro.

RUBENS JOSÉ DE AZEVEDO (nasceu em 1976, em São Paulo). Expõe duas obras com foto. "A primeira contém fotografias bem co-



Fotografia de Rubens Azevedo

loridas e desfocadas, na outra a cor não monopoliza toda a obra, que puxa para o branco, com um resultado bem diferente do contraste de cores anterior. É bastante intimista, é a maneira como vejo a cidade", diz o artista.

ANA MARIA TAVARES (nasceu em 1958, em Belo Horizonte, mora em São Paulo). A instalação que expõe, *Exit*, é formada por uma parede de espelho e uma escada similar às usadas para a entrada em aviões. No alto, o público encontra um fone de ouvido e ouve um repórter aéreo de rádio

informando sobre o trânsito. "É uma proposta de deslocamento. Com o fone de ouvido, vive-se a sensação de estar mergulhado em um congestionamento infernal. O espelho cria uma espécie de abismo, garante uma vista duplicada do espaço", diz Ana.

VILMA SONAGLIO (nasceu em 1963, em Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul). Mostra três fotografias da série *Transeuntes*, feitas em 1998. As imagens são da figura humana diluída, sem identidade. "Trabalho com a questão do anoni-

Transeuntes, de Vilma



mato". A técnica é da inversão do negativo e ampliação do positivo. RICARDO BASBAUM (nasceu em 1961, em São Paulo, mora no Rio). O diagrama da *Série Love Songs* é um painel monocromático com um diagrama de linhas e palavras feito em computador. Depois de desenhado, o diagrama é ampliado, cortado por um plotter em vinil adesivo preto e colado no painel. As palavras fazem alusão a tempo e modo, ou são pronomes pessoais, unidos por linhas que formam campos de força que remetem à atração, repulsão, relacionamento, encontro e desencontro.